

Miguel Esteves Cardoso

COMO É LINDA
A PUTA DA VIDA

Prefácio

Escrever todos os dias, graças ao *Público*, deu-me a sorte – no sentido de destino – de escrever um diário para os outros lerem.

Este é o meu primeiro livro de crónicas desde *A Minha Andorinha*, que foi publicado em 2006.

Estão aqui os anos que vivi desde então até aqui. A vida da Maria João, meu amor, correu grandes perigos. Felizmente, ela continua viva, mais viva ainda do que quando a conheci, nos meus braços e nas páginas deste livro. Todos esses dias foram felizes ou tristes mas, ultimamente, felizes por terem sido passados com ela.

Agradeço ao José Manuel Fernandes, à Bárbara Reis, ao Nuno Pacheco, ao José Vítor Malheiros e a todos aqueles que me deixaram escrever estas crónicas.

Este livro é a primeira colecção de crónicas publicada pela Porto Editora e é aqui que tenho de deixar o meu apreço, agradecimento e amizade pela minha editora de sempre, a Assírio & Alvim.

Aturaram-me durante 27 anos. Se eu conseguir induzir a Porto Editora no mesmo erro terei 84 anos quando chegar a hora difícil de me despedir dela. Qualquer casamento que dura 27 anos e que, apesar de acabar, não acaba mal ou a mal, pode considerar-se um casamento feliz.

Este livro não é o princípio de uma vida nova; Deus me livre. É a celebração de uma vida velha, cheia de novidades que envelhecem mais devagar do que eu.

É um livro de uma vida vivida a dois.

Afinal, foi o amor pela Maria João que me manteve vivo. Como escritor também.

M.E.C.





MARIA JOÃO

Carta a Deus



Deus,

Bem avisaste que eras um Deus invejoso e vingativo. Também sei que Job era um caso-limite: uma ameaça do que eras capaz. Nem eu nem a Maria João temos um milésimo da obediência e da resignação de Job. E castigaste-nos menos. Mas foi de mais.

De certeza absoluta que nos amamos mais um ao outro do que te amamos a Ti. Sabemos que isto não está certo. Mas foste Tu que nos fizeste assim. Admite: deste-nos liberdade de mais. Foste presunçoso: pensaste que Te escolheríamos sempre primeiro. Enganaste-Te. Quando inventaste o amor, esqueceste-Te que seria mais popular entre os seres humanos do que entre os seres humanos e Tu.

Por uma questão de tangibilidade. E, desculpa lá, de feitio. Tu, Deus, tens a pior das arrogâncias feminina e masculina. Achas que só existes Tu. Como Deus, até é capaz de ser verdade. Mas, para queres ser um Deus real e humanamente amado, tens de aprender a ser um amor secundário.

Sabemos que és Tu quem manda e acreditamos que há uma razão para tudo o que fazes, mesmo quando toda a gente se lixa, porque não nos deste cabeça para Te compreender. Esta deficiência foi uma decisão tua: não quiseste dar-nos a inteligência necessária.

Mas deste-nos cabeça suficiente para Te dizer, cara a cara, que preocupamo-nos mais com os entes amados do que contigo.

Ajuda a Maria João, se puderes. Se não puderes, não dificultes a vida a quem pode ajudar.

Faz o que só um Deus pode fazer: reduz-te à tua significância. Que é tão grande.

Tens de ter força



Um dos problemas do cancro e de outras doenças debilitantes é o conselho que damos aos doentes: “Tens de ter força!”

Não percebo este conselho que mais parece uma ordem. Que quer dizer? Que se deve criar mais força? Que se deve manter a pouca força com que se fica?

O cancro enfraquece – a fadiga do cancro é uma consequência inevitável. O cancro cansa. Reduz a força. Não tira a vontade de viver. Mas reduz a energia para fazer os sacrifícios que é preciso fazer para melhorar as hipóteses de sobreviver.

Os doentes sabem que têm de empregar as poucas forças que lhe restam, assim como sabem que ajuda ser-se positivo: que o estado psicológico influencia o aproveitamento clínico. Sabem. A sério. Não é preciso estar sempre a recomendar que tenham força e que sejam positivos.

É difícil para os doentes enfraquecidos, que olham a morte de frente, terem força e serem positivos. A tendência deles é para se sentirem tão fracos como estão e tão negativos como se sentem.

Como os conselhos, apesar de parecerem ordens nazis, comandando os coxos a correr maratonas, são bem-intencionados e amigos, não podem ser ocos. São estúpidos mas devem dizer alguma coisa.

Acho que, no fundo, apelam a eles próprios. São os fortes à volta do fraco que têm de usar a força deles para ajudá-lo. São os capazes de ser positivos que têm de animá-lo.

Afinal são auto-exortações. Parecem conselhos amigos, que ficam por ali. Mas são incumbências que só a nós dizem respeito.

A cabeça entre as mãos



Às vezes encontramos-nos com a cabeça nas mãos. Tudo o que poderia ter corrido bem correu mal. O mundo, que era igual à vida, afasta-se de repente. Distancia-se e continua a existir, como se nada tivesse a ver ou a haver connosco, como se fizesse questão de mostrar a independência dele, mundo, que não existe só porque nos damos conta dele.

A má notícia é má, mas a pior, para quem cá está, é a pessoal. A minha pessoa é a Maria João e a Maria João passa mal. Nem o amor nem a sabedoria médica a podem salvar. Só uma conjunção das duas coisas, mais um acrescento de milagre.

O cabrão do cancro alastra-se. Exterminado no pulmão ou na mama, foge para o cérebro, onde se refugia e cresce. Forma uma força da morte, aproveitando as barreiras antigas entre o sangue e o cérebro, que infiltra conforme lhe apetece.

Hoje, domingo, é o último dia em que estaremos juntos, dois amores, felizes há quase vinte anos. Amanhã, logo às 9 da manhã, estaremos na consulta dos excelentes neurocirurgiões do Hospital de Santa Maria, onde nos avisarão das complicações possíveis.

Obama deveria inspirar-se na perfeição clínica e humana do serviço de saúde português e francês. Mas a dor não diminui. Nem a tristeza abranda.

Vai morrer o meu amor. Não vai. Como o meu amor por ela, nunca há-de morrer.

As coisas acontecem sem acontecer o pensamento nelas. A alma, o coração e a cabeça são coisas diferentes.

Que se dão bem. E são amigos. E deixam de ser quando morrem.

Chorar em público



Quando sair este jornal, a Maria João e eu estaremos a caminho do IPO de Lisboa, à porta do qual compraremos o *Público* de hoje. Hoje, ela será internada e, hoje à noite, desde o mês de Setembro do ano passado, será a primeira vez que dormiremos sem ser juntos.

O meu plano é que, quando me expulsarem do IPO, ela se lembre de ir ler o *Público* e leia esta crónica a dizer que já estou cheio de saudades dela. É a melhor maneira que tenho de estar perto dela quando não me deixam estar. Mesmo ficando num hotel a trinta passos, dói-me de muito mais longe.

O IPO consegue ser uma segunda casa. Nenhum outro hospital consegue ser isso. Podem ser hospitais muito bons. Mas não são como uma casa. O IPO é. Há uma alegria, um humor, uma dedicação e uma solidariedade, bem-educada e generosa, que não poderiam ser mais diferentes da nossa atitude e maneira de ser – resignada, fatalista e piegas –, que são o *default* institucional da nacionalidade portuguesa.

É graxa? Para que tratem bem a Maria João? Talvez seja. Mas é merecida. Até porque toda a gente que os três IPO de Portugal trata é tratada como se tivesse direito a todas as regalias. Há muitos elogios que, não obstante serem feitos para nos beneficiarem, não deixam de ser absolutamente justos e justificados.

Este é um deles. Eu estou aqui ao pé de ti. Como tu estás ao pé de mim.

Chorar em público é como pedir que nada de mau nos aconteça. É uma sorte. É o contrário do luto. Volta para mim.